



Fundado no Sesquicentenário do
Combate do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

10º ANO DE FUNDAÇÃO DA AHIMTB E 20º
ANO DE FUNDAÇÃO DO IHTRGS

Ano 2006

Nr 33

AINDA SOBRE A CONTROVÉRSIA DE PORONGOS

O Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) vem, novamente, trazer aos seus leitores mais uma visão da Controvérsia de Porongos, desta vez na ótica do emérito historiador WALTER SPALDING, através de seu livro FARRAPOS! (Livraria Selbach, 1935, 2ª parte, págs. 183/201).

SPALDING faz uma retrospectiva das entranhas do que aconteceu antes, durante e após aquela madrugada fatídica de 13/14 de novembro de 1844 no Cerro dos Porongos, município (hoje) de Piratini, quando o General farroupilha Davi José Martins Canabarro foi surpreendido pelo Coronel do Exército Imperial Francisco Pedro de Abreu, alcunhado de Chico Pedro, ou ainda, Moringue.

Esta transcrição busca, mais uma vez, além de proporcionar uma outra visão do acontecido, resgatar a idoneidade moral de Canabarro e Caxias, homens que, analisadas suas performances profissionais anteriores, não deixam nenhuma dúvida sobre seu alto espírito de hombridade, justiça, honestidade, desprendimento e dedicação. A carta, embora publicada pela Imprensa do Exército traz, no seu canto superior esquerdo a palavra “cópia”, o que não lhe confere nenhuma credibilidade.

Esperamos que este trabalho acrescente mais uma pequena contribuição aos trabalhos do Dr. César Pires Machado e do Cel Cláudio Moreira Bento, publicados respectivamente nos O Gaúcho de nºs 30 e 32.

Boa leitura!

Luiz Ernani Caminha Giorgis (Org.)
Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS

Excerto (feito a partir de imagens reais) do livro FARRAPOS! (2ª parte), de WALTER SPALDING, páginas 183 a 201.

PORONGOS

"Eis aí a lenda de que Canabarro deixou-se bater porque quiz. Para dar glórias ao Moringue? Não sei porque motivo".

APONTAMENTOS do major *João Baptista Rodrigues Pereira*.

"Mandou Canabarro publicar uma ordem do dia procedendo ao recolhimento do cartuchame e declarando que seria distribuido por ocasião do combate".

APONTAMENTOS de *Felix de Azambuja Rangel*.

Porongos! Que de intrigas precederam e se seguiram ao recontro das forças de Chico Pedro e Canabarro no célebre Cêrro dos Porongos!

Há muito vinha o coronel Francisco Pedro de Abreu buscando um meio de bater completamente o general David Canabarro. A empresa, porém, era difficil apezar da reconhecida habilidade do Moringue em surpreender o inimigo. E' que Canabarro era habil também e não se deixaria surpreender tão facilmente.

Um torneio de habilidade entre os dois seria um verdadeiro problema para ser julgado.

Entretanto, na madrugada de 14 de novembro de 1844, quando já se havia tratado da paz, Chico Pedro surpreende o general em chefe dos farrapos, que foi completamente destroçado, escapando-se, com mais "dois generais por bem montados, e os cavalos das forças legais estarem abombados das violentas marchas de noite e embuscado de dia" (1).

A culpa principal dêste insucesso de Canabarro cabe não propriamente aos motivos alegados por êle, pois mais de uma vez advertiu-o o general Neto do perigo, mas sim ao "rabo de saia", à "safadissima Papagáia" que

(1) — MEMÓRIAS de Francisco Pedro de Abreu.

fazia Canabarro roubar “à Pátria em pueris conversas horas que só à Pátria deve, pela posição em que está colocado” (2).

Foi essa *Papagáia*, — Maria Francisca Duarte, — esposa do farmaceutico João Duarte, que fazia as vezes de cirurgião do exército, a grande culpada do afrouxamento da energia de Canabarro que se apaixonou por ela a ponto de relaxar muitissimo o comando do exército farrapo, do qual era general em chefe.

Si este fáto desmoralizou um tanto o caráter de David Canabarro, mais ainda o desmoralizou, pelo menos por algum tempo, a bem forjada intriga do coronel Francisco Pedro de Abreu.

Alfredo Varela até hoje sustenta ter sido Canabarro um traidor. Mas tal não há. Canabarro foi confiante em demasia e relaxado também.

Confiante, porque já se estava tratando da pacificação, embora sem *suspensão de armas*, conforme se pode ver nessa carta do Barão de Caxias ao general Bento Gonçalves da Silva:

Foi-me entregue hoje a carta que me fez a honra de escrever com data de 13 do corrente devolvendo-me o

(2) — Antônio Vicente da Fontoura, DIÁRIO: 27 de maio de 1844.

A respeito dêsse episódio tragi-cómico da vida de David Canabarro, leia-se a interessante obra de Othelo Rosa, OS AMORES DE CANABARRO. Aí, também, serão encontradas todas as minucias do combate, descritas por mão de mestre.

salvo conduto que me havia sido pedido em seu nome pelo Ismael, por isso que julgo que êle não satisfizesse plenamente seus desejos. Si são sinceros seus desejos de ver concluída a guerra que nos devóra e tem confiança em que serei capaz de empenhar todos os meus esforços para que ela se conclua de uma maneira digna para o Govêrno de quem sou Delegado nesta Província, e dos Riograndenses comprometidos na revolução, pode mandar ao meu campo a pessoa em quem fala, para disso tratar. Devendo ficar na intelligência de que qualquer arranjo que tenha a levar a efeito, nunca terá por base a suspensão de armas. — Pontas do Pirai-sinho, 22 de outubro de 1844. —

Ignoraria Canabarro essa carta?

Ignorasse, ou não, a confiança era demasiada, mórmente sabendo, como sabia, pois mais de uma vez fôra avisado por Neto e outros, que Chico Pedro o estava procurando para um combate decisivo.

Relaxado também foi Canabarro nesse último ano da revolução, e em especial nesse caso de Porongos. E foi por causa dêsse seu relaxamento, todo entregue ao amor de Maria Francisca, a *Papagáia* de olhos assassinos, que se tornou confiante, a ponto de dizer, sorrindo, para o general Neto quando este o advertiu do perigo:

— O Moringue, sentindo minha catinga, não vem cá.

Como o cegaram os olhos de Maria Francisca!

Bem caro lhe custaram esses amores: sofreu as dores da derrota e, talvez mais do que essas, as que lhe haviam de causar a carta apócrifa, forjada por Chico Pedro que a atribuiu, depois, a Caxias (3).

A INTRIGA.

Conforme ficou dito, há muito vinha Chico Pedro planejando um meio de bater David Canabarro, “único que lhe faltava bater dos chefes rebeldes”, como o confessa nas suas já citadas MEMÓRIAS.

Para isso empreendeu, em setembro de 1844, uma expedição com o fim de desinquietar algumas vilas como Camaquã, Dorcas, e outras, que estavam sendo “afligidas” pelos farrapos e, dêsse modo, certificar-se, também, do paradeiro de Canabarro. Do Rio Grande enviou, num cutter, o alferes João Patrício com sua gente para a Barra do Velhaco, com ordens de procurar saber com a máxima exati-

(3) — Nas suas MEMÓRIAS Francisco Pedro de Abreu poucas linhas dedica à surpresa de Porongos. Enumera, apenas os troféus conquistados, o número de mortos, feridos e prisioneiros que fez, e conclui: “da legalidade só feridos de Cav.” e algumas contusões”. Nenhuma só palavra sobre a célebre carta que depois apresentou. Não será isto mais uma prova de que a tal carta era, realmente, apócrifa?

dão o lugar em que se achava o general David Canabarro.

João Patrício desempenhou-se admiravelmente do papel que lhe fôra confiado, levando a Chico Pedro a posição exáta das forças de Canabarro no Cêrro dos Porongos, para onde se encaminhou no dia 10 de novembro com um cuidado e sigilo verdadeiramente admiráveis.

Com Canabarro, no Cêrro dos Porongos, estavam Neto com a sua cavalaria, e Joaquim Teixeira Nunes com sua famosa infantaria negra.

As fôrças farrapas compunham-se de cêrca de 1.200 homens. Dêstes, porém, enviára dias antes, cêrca de 600 em auxílio do general Portinho que se batia nas pontas do arroio Quebracho. Assim, pois, a força acampada no Cêrro não ía além de 600 homens. Chico Pedro já o sabia e por isso apressava mais a marcha.

Os imperiais possuíam 1.170 praças, bem armadas e municiaadas.

Como se vê, pelas fôrças de ambos as partes, não havia necessidade alguma de Chico Pedro querer desmoralizar Canabarro e surpreende-lo.

Não havia necessidade. A vitória seria, fatalmente, de Moringue. Um espirito diabolico, porém, levou-o a querer a destruição e desmoralização completa do chefe do exército farrapo, pois era êle o único, pode-se dizer,

que resistia ainda com destemor e galhardia às investidas das forças imperiais sob o comando do grande Caxias.

E forjou o plano, alta noite, enquanto, com seus soldados, no maior silêncio, viajavam rumo a Porongos. Escreveria uma carta, imitando a letra de Caxias tanto quanto possível, carta a êle, Chico Pedro, dirigida, e na qual se trataria de demonstrar que Canabarro combinára com o Barão a entrega de tudo quanto possuía a fôrça farrapa sob seu comando, devendo, porém, para não despertar suspeitas, dar a esta rendição a apparencia de um combate, ou surpresa, da qual sòmente êle, Canabarro, e Vicente Lucas de Oliveira pudessem fugir.

Forjado o plano, tudo bem preparado, calculado até, com exatidão matemática, dia e hora em que esperava surpreender Canabarro, em Porongos, chamou o major João Machado de Moraes, habil calígrafo, a quem confiou o plano, perguntando, em seguida:

— Será V. capaz de imitar fielmente, ou tanto quanto possível a letra de Caxias?

— Talvez o possa. Devo, porém, antes, examina-la bem.

Antegozando as delicias da intriga, disse-lhe, então, Chico Pedro:

— Pois vamos fazer uma intriga contra Canabarro, fingindo um officio de Caxias para mim, dizendo que no dia tal, mais ou menos, vá ataca-lo, visto haver entre êle e o Barão de

Caxias um convênio para se deixar surpreender e derrotar.

Estava, pois, assentado o plano. Era só executá-lo.

A CARTA.

Depois da marcha de uma noite inteira, acampou Chico Pedro nos matos do Passo do Piquerí, próximo à Quinta do Bibiano, para que seus soldados pudessem descansar das agruras da marcha que seria recomeçada ao escurecer, afim de viajar sempre às ocultas.

E enquanto os seus soldados dormiam, — na sua barraca, à sós com o major João Machado Moraes, Chico Pedro dava cabo à mais infame das intrigas.

Com algumas cartas de Caxias na sua frente, Moraes escrevia, o que lhe ia ditando Chico Pedro. Mas como este tinha um português péssimo, era mister corrigir as frases é imitar o estilo do Barão.

Findo o ditado, Moraes deu ainda alguns retoques no que escrevera e, em seguida, leu, a meia voz o seguinte:

Ilmo. Sr. — Regule suas marchas de maneira que, no dia 14, às duas horas da manhã, possa atacar a fôrça ao mando do Canabarro, que está nesse dia do cêrro dos Porongos. Não se descuide de mandar bombear o lugar do acampamento, de dia, devendo ficar bem certo de que

êle há de passar a noite nesse mesmo acampamento. Suas marchas deverão ser mais ocultas que possível seja, inclinando-se sempre sôbre sua direita, pois posso afiançar-lhe que Canabarro e Lucas ajustarão suas observações sôbre o lado oposto.

No conflito poupe o sangue brasileiro quanto puder, principalmente da gente branca da província ou indios, pois bem sabe que essa pobre gente inda nos pode ser útil no futuro.

A relação junta é das pessoas a quem deve dar escapula, si por casualidade cairem prisioneiras.

Não receie a infantaria inimiga, pois ela há de receber ordem de um ministro e de seu general em chefe, para entregar o cartuchame sob o pretexto de desconfiarem dela. Se Canabarro ou Lucas, que são os únicos que sabem de tudo, forem prisioneiros, deve dar-lhes escapula, de maneira que ninguém possa, nem levemente, desconfiar, nem mesmo os outros, que êles pedem que não sejam presos, pois bem deve conhecer a gravidade dêste secreto negócio, que nos levará em poucos dias ao fim da revolta desta província.

Si por acaso cair prisioneiro um cirurgião ou boticário de Santa Catarina, casado, não lhe reviste sua bagagem, nem consinta que nin-

guém lhe toque, pois com ela deve estar a do Canabarro.

Si por fatalidade não puder alcançar o lugar onde lhe indico, no dia 14, às horas marcadas, deverá deferir o ataque para o dia 15 às mesmas horas, ficando bem certo de que neste caso o acampamento estará mudado um quarto de légua mais ou menos por essas imediações em que estiverem no dia 14.

Si o portador chegar a tempo de que essa importante emprêsa se possa efetuar, V. S. lhe dará seis onças, pois êle me promete entregar em suas mãos este officio até às 4 horas da tarde do dia 11 do corrente.

Além de quanto lhe digo nesta ocasião, já V. S. deverá estar bem ao fato do estado das cousas pelo meu officio de 28 de outubro e por isso julgo que o bote será aproveitado desta vez.

Todo o segredo será indispensavel nesta ocasião e eu confio no seu zelo e discernimento que não abusará dêste importante segredo.

Deus guarde a V. S. — Quartel General e do Comando em Chefe do Exército em marcha nas imediações de Bagé, 9 de novembro de 1844. — *Barão de Caxias.*

Chico Pedro bateu palmas. Bravos! Muito bem! Com esta acabo de vez com a fama e o nome de Canabarro, mesmo em caso de um fracasso, isto é: de não poder realizar a sur-

preza com a qual sonho e a tanto venho premeditando.

Morais passou cuidadosamente a limpo, imitando perfeitamente a letra de Caxias, o famigerado ofício.

Chico Pedro, rindo por todo o corpo, antegozando o efeito de seu satânico plano, dobrou cuidadosamente a carta e a pôz no bolso. (4).

Do Piquerí seguiram, sempre em marcha forçada, para Piratini onde, então, se encontrava Caxias.

Aí mostrou-lhe o coronel Francisco Pedro de Abreu o suposto ofício.

“Caxias, — diz Alfredo Ferreira Rodrigues (5), — desejava a paz, fizera concessões sem autorização expressa do governo, para facilitar a execução dela; tinha, pois, interesse em aproveitar tudo que concorresse para ela. Achou necessariamente o plano pouco leal, mas o mal estava feito e deixou que o ofício corresse sem

(4) — A carta apócrifa que acima transcrevemos, é tão minuciosa nos acontecimentos, tão exata nas descrições do que devia acontecer, e aconteceu, que até nos faz pensar ter sido escrita após a surpresa. A hora marcada, foi justamente a do assalto. Canabarro conseguiu fugir, bem como Lucas e Antônio Vicente da Fontoura que, aliás, perdeu tudo. O cirurgião foi, realmente preso e, depois, solto por ordem de Chico Pedro, não se lhe tendo revistado a bagagem dele e da mulher, — a Papagáia, — e com a bagagem do cirurgião João Duarte seguiu também, sem ter sido revistada, a de Canabarro. Teria sido Chico Pedro um profeta?

(5) — DAVID CANABARRO E A SURPREZA DE PORONGOS.

desmentido". Além disso, si Caxias desmentisse o tal officio apócrifo, perderia, talvez, a coadjuvação agora mais do nunca necessária, do famoso guerrilheiro das hostes do império. E foi esse temor que também, por certo, fez com que Caxias se calasse. Naquele lufa-lufa da guerra, cheio de preocupações, o insigne barão nem sequer se lembrou do que poderia acontecer, mais tarde, nos domínios da história. Nunca imaginou que essa fraqueza a que foi arrastado pelas contingências da guerra e do satanismo de um seu comandado, viesse, um dia, macular-lhe o nome impoluto, aquele nome que tanto prezava e por cuja dignidade e honra norteava a sua conduta e vida, mesmo nas cousas menores.

Próximo a Piratini residia um exaltado republicano, então muito conhecido, João Rodrigues Barbosa, a quem Moringue foi, em seguida, mostrar a tal carta, reservadamente, mas já sabendo que seria, logo, divulgada.

Barbosa ficou indignado. Para êle Canabarro ficou abaixo do mais infimo animal. E para desmoralizar completamente o "tratante", solicitou a Chico Pedro licença para tirar uma cópia da carta, no que consente, jubiloso, sem se lembrar da frase final que mandára escrever: "todo o segredo será indispensavel nesta ocasião e eu confio no seu zelo e discernimento que não abusará deste importante segredo".

Com a cópia tirada por Barbosa, a carta se tornou pública. Ninguém mais a ignorava em toda a vila, e Canabarro era amaldiçoado.

Mas o cinismo de Moringue não parou aí. Foi além. Leu, em voz alta, o tal ofício para que fosse ouvido por todos e em especial pelos republicanos presos, soldados e sargentos.

E enquanto Chico Pedro assim procedia, no acampamento farrapo um mal entendido, ou sabe Deus quê, serviu para comprometer ainda mais ao general Canabarro, comprovando o que Chico Pedro dizia no celeberrimo ofício: "Não receie a infantaria inimiga, pois ela ha de receber ordem . . . de entregar o cartuchame sob o pretexto de desconfiarem dela".

Canabarro, realmente, dá ordem á infantaria de João Antônio para recolher a munição que lhe seria novamente entregue no momento oportuno.

Felix de Azambuja Rangel (6), official da legalidade, assim esclarece o recolhimento do cartuchame:

"Desde que Canabarro acampou nos Porongos, Francisco Pedro propalava constantemente

(6) — APONTAMENTOS sôbre o ataque de Porongos. Nesses Apontamentos Felix de Azambuja Rangel defende Canabarro, dizendo: "Assim esse distinto general republicano passou por traidor o que é uma grande ofensa ao seu ilibado caráter e sua imorredoura memória". Mas, mais adiante, diz que Caxias, ao lhe ser apresentada a tal carta, mandou que seu secretário a copiasse e assinou a copia que entregou a Chico Pedro. Nisso também deve haver intriga, cremos.

que êle contava com o Batalhão de Canabarro e que quando se empenhassem em fogo êle faria fogo contra Canabarro, isto é, contra a gente de Canabarro. Sendo preso um official de Canabarro por Francisco Pedro, pediu a este que não o deixasse sofrer tantos trabalhos sendo deportado. Êle então respondeu que só si êle fosse trabalhar a favor do Govêrno com a Infantaria e que lá encontraria companheiros nesse serviço. Perguntou o dito official qual era esse companheiro. Francisco Pedro respondeu estar aí a chave do segredo mas que êle fosse trabalhando que haveria de encontrá-lo. Este official foi solto e apresentando-se ao general Neto, republicano, relatou semelhante fáto e este o levou à presença de Canabarro. À vista disto mandou Canabarro publicar uma ordem do dia procedendo ao recolhimento do cartuchame e declarando que seria distribuido por ocasião do combate”.

Do que não é capaz a intriga!

A SURPREZA.

Dez horas da noite. Saíam os últimos da barraca do general Canabarro. Silêncio profundo. Todos, menos Neto e sua cavalaria, dormiam na mais profunda despreocupação.

Antônio Vicente da Fontoura acabára de escrever uma carta à família, na qual se despedia dela e fazia o seu testamento, isto é: distribuía entre as filhas o que levava consigo:

uma caixa de tintas, as chilenas de prata, um caiapim . . .

Súbito, todo embuçado um vulto sai da barraca de Canabarro e, escondendo-se sempre, penetra numa outra onde ainda havia uma pequena luz.

Era o próprio general que, apaixonado, ia entregar-se a Morfêu nos braços da "safadíssima Papagáia". Ouviu-se ainda aí uns cochichos, leves sussuros. Depois, mais nada. Sómente a luz das estrelas lançava um frouxo clarão sobre aquele acampamento que parecia morto.

Mais longe um pouco, porém, viam-se cavalos ensilhados. Era a cavalaria de Neto que dormia, mas alerta, com as redeas de seus pingos na mão. Neto era o único que não confiava, embora Canabarro lhe tivesse dito que "sua catinga afastaria o Moringue". E tinha razão.

Às duas horas da madrugada, mais ou menos, um rumor estranho se faz ouvir. Neto desperta, ouvido a escuta. Segundos depois ouve, distintamente, o tropel de cavalos e, em seguida, um tiro de alarme e a voz dos clarins chamando às armas.

Fidelis Pais, o temível Fidelis vanguarda das forças do coronel Francisco Pedro de Abreu, iludindo as sentinelas na escuridão da noite, espadas amarradas, cavalos a cabresto, aproxima-se tanto quanto possível do acampamento que dorme. Monta, em seguida, com seus 40 homens e, num ímpeto de tufão, inva-

de o acampamento. Os republicanos mal tem tempo de se levantarem. Mas tentam reagir ao assalto. Inútil, porém. Secundando Fidelis Pais, entra, por outro lado o famoso Manduca Rodrigues, cujos átos de verdadeira temeridade lhe haviam dado fama de valente entre os mais valentes.

Forma-se o entrevero. Poucos tiros se ouvem. A infantaria, sem um cartucho sequer, tenta resistir a arma branca. O chão coagula-se de mortos e feridos. Vendo inútil a resistência, dispersa-se desordenadamente, o batalhão dos negros de Teixeira. Canabarro, ao ouvir o tiro de alarme sai da barraca da amante mas, vendo-se perdido, foge, a cavalo. Neto é o único que resiste ainda, heròicamente, dando, assim, tempo aos outros, de se afastarem. Mas vái cedendo, passo a passo e retirá-se por fim, deixando os imperiais senhores do terreno.

A derrota fôra completa. Nenhum general ficou prisioneiro, e nem mesmo ferido. Mas a República sangrava e gemia de dor. E lá fôra, nos próprios arraiais farrapos, o nome de Canabarro andava de boca em boca cercado de maldições. O próprio Ministro Almeida, o sério e integro mineiro Domingos José de Almeida, maldizia Canabarro, e Bento Gonçalves da Silva mandára-lhe um desafio, duelo de morte, duelo como aquele de oito menses antes, que custára a vida ao infelizmente Onofre.

Canabarro, porém, recusou-se dizendo ser inocente. E concluiu:

— Não se precipite. O tempo dirá a verdade e me fará justiça.

A todos perdoou os insultos e ataques que lhe dirigiram. A todos, menos a um: a Chico Pedro.

No campo de Porongos ficaram, conforme a ordem do dia N.º 180, de Caxias, e conforme as *Memórias* de Francisco Pedro de Abreu, cento e tantos entre mortos e feridos. Mais de 330 ficaram prisioneiros, entre os quais o coronel Rolão, o Ministro da Fazenda, Viana, e 33 oficiais. Tendo, ainda, como troféus, mais de 2.000 cartuchos, grande quantidade de armas, mil e tantos cavalos, muitos dos quais ensilhados, 5 estandartes e parte do arquivo de Canabarro (7). Entre os prisioneiros ficaram, também, o cirurgião João Duarte e sua mulher,

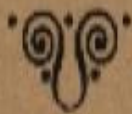
(7) — Alfredo Ferreira Rodrigues em seu trabalho *A PACIFICAÇÃO DO RIO GRANDE* (David Canabarro e a Surpreza de Porongos), diz que ficou em poder de Chico Pedro "o arquivo completo de Canabarro". Entretanto o legalista Felix de Azambuja Rangel, nos seus já citados "Apontamentos" diz textualmente: "Um individuo de nome João Duarte, falecido em Taquari, com sua mulher e duas canastras a quem Francisco Pedro deixou ir-se por haver dito ser o médico das forças e entretanto era o portador das canastras de Canabarro conforme tempo depois gracejando com elle lhe fez ver um official prisioneiro". É certo, porém, que parte do arquivo de Canabarro ficou em poder de Chico Pedro, que nas suas também já citadas memórias diz ter tomado aos republicanos "o Estandarte da República, toda a bagagem," etc.

Maria Francisca, a Papagáia, que foram, depois, postos em liberdade indo, novamente, reunir-se às forças de Canabarro.

201

A Papagáia, porém, só teve licença de acompanhar o exército até Eneruzilhada, onde ficou. Canabarro bem sabia que tinha sido ela a maior culpada da sua imprevidência. Por isso, num esforço supremo, resolveu abandoná-la. E abandonou-a para sempre.

A lição fôra dura, mas servira.



Porto Alegre, RS, 01 de outubro de 2006

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS
Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS